



Garimpeiros deixam o alojamento na área de conflito com os ianomamis e são levados para o garimpo Rio Novo. Sonhar com ouro, mas têm medo de morrer

Pericles Perrecci

Igreja insiste: quer padres na área dos índios

MANOEL LIMA
Enviado Especial

VIDA EM PAZ

O fazendeiro José Augusto Soares, que coordenou a instalação em Boa Vista da regional da União Democrática Ruralista (UDR), tem razões de sobra para não gostar da atuação dos missionários católicos em Roraima. Ele conta que já teve sua fazenda invadida por índios incitados pela Igreja, seu gado envenenado e ele próprio foi ameaçado de morte "por caboclos que a Igreja insiste em dizer que são índios". Augusto Soares lembra que Roraima foi colonizada pelo branco, e este ano o território comemora 200 anos de sua pecuária.

"Em todos esses anos, os brancos conviveram pacificamente com os índios", diz o fazendeiro, "e nunca se soube que tivesse havido qualquer conflito". Ele acrescenta que "Roraima sempre teve na exploração dos seus garimpos a base de sustentação de sua economia. Também nesse aspecto houve, como havia até dez anos atrás, uma harmonia perfeita entre índios e garimpeiros".

José Augusto Soares acusa o bispo Aldo Mongiano de ter implantado no território "uma verdadeira campanha fascista" contra os fazendeiros, a partir de 1976, quando chegou a Roraima. "D. Aldo tem o prazer de continuar um processo econômico, porque por trás de sua batina e de suas idéias sociais, estão interesses outros que não sabemos quais são", aponta Soares. Ele diz que "esse bispo é um agitador contumaz. Trabalhou em Moçambique e em Angola, onde fez esse mesmo tipo de agitação, pondo negros contra os brancos, numa guerra sem fim. Agora ele pretende implantar esse processo em Roraima, mas os fazendeiros estão se organizando para enfrentar a Igreja e o PC do B".

DEVER DA IGREJA

D. Aldo Mongiano, há 11 anos no território, diz que o trabalho da Igreja com os índios de Roraima "é uma ação de irmãos para irmãos", e que é falso, mentiroso se dizer que o índio sempre conviveu pacificamente com o branco invasor. "O índio, aparentemente, vivia em paz com o branco pelo processo de dominação, de exploração que sempre existiu no território, e o índio foi sempre a grande vítima do processo econômico. Em todo esse processo, o índio foi vítima da exploração do fazendeiro, que invadiu suas terras e os expulsou delas. Agora, mais consciente dos seus direitos, o índio reage a esse estado de coisas", diz o bispo, ao negar que a Igreja incite os indígenas a invadir fazendas e a atacar os garimpeiros. "É um dever, uma obrigação da Igreja denunciar a situação de exploração e de opressão que os índios sofrem e orientá-los sobre os seus direitos. Mas isso não é incitamento à violência, à guerra. É um trabalho social, porque a Igreja não se afasta de sua missão evangelizadora quando denuncia que os povos indígenas estão ameaçados de extinção, que perdem suas terras, sua cultura".

Já o governador do território, Getúlio Cruz, entende que a questão indígena de Roraima "passa por uma reflexão sociológica. O índio é um ser humano, o fazendeiro é um ser humano, o garimpeiro é um ser humano, que devem ser vistos assim pela sociedade, pelo Estado". Cruz é de opinião de que o garimpeiro deve sair das áreas indígenas. Ele aponta a desapropriação de áreas ocupadas por garimpeiros e fazendeiros, onde existem malocas, como a solução para os problemas indígenas do território. "Se eu tivesse poderes para desapropriar, esses problemas não existiriam em Roraima", concluiu o governador.

Um passado cheio de paz

Os conflitos entre índios, fazendeiros e garimpeiros em Roraima não são antigos — pouco mais de dez anos —, quando os missionários católicos optaram por uma ação mais social da Igreja e a politização do índio passou a ser o ponto principal do trabalho missionário. Roraima baseou, ao longo dos anos, a sua atividade econômica na pecuária e na exploração manual das jazidas de ouro e diamante. Os historiadores da região não registram qualquer conflito mais sério entre brancos e índios.

Índios como os uicás, subgrupo ianomami, que nunca haviam tido qualquer contato com as frentes de penetração no território, aceitaram pacificamente a presença de brancos na Serra do Surucucu, onde têm seu habitat

natural. A exploração da cassiterita de Surucucu por garimpeiros, durante mais de dois anos, mostrou uma convivência pacífica entre garimpeiros e índios, até que os missionários católicos chegaram à região e politizaram os índios. Em 76, houve o primeiro conflito entre uicás e os garimpeiros. Certamente não por estes estarem nas terras dos índios, mas porque os índios queriam mais comida, mais armas e munições. Os garimpeiros não atenderam, foram atacados e revidaram. Os macuxis, que representam a maior nação do território, jamais tiveram problemas com os garimpeiros. Agora, atraídos pelos missionários, os ianomamis, que se mantinham distantes dos garimpos e das fazendas, começaram a perambular de aldeia em aldeia, até o encontro, no garimpo Paapiú, dia

12 de agosto, com os garimpeiros. Houve troca de tiros, com um saldo de três índios e um garimpeiro mortos. Os indígenas visitavam diariamente o garimpo à procura de comida e de grammas de ouro. As autoridades policiais que apuram o conflito do dia 12 estão querendo saber quem armou os índios e quem lhes forneceu a munição para o ataque. "Certamente os índios não sabem mais usar o arco e a flecha para buscar o seu alimento na floresta", ironiza o fazendeiro José Augusto Soares. A Funai evita aprofundar suas investigações sobre o trabalho missionário da Igreja, "para não complicar", segundo Esmeraldino Nunes, delegado do órgão em Boa Vista. Mas a ação social junto aos índios será agora feita pela Funai, promete o superintendente da fundação, Sebastião Amâncio.

Ouro e medo no garimpo

O garimpeiro é o homem mais sonhador do mundo. Mas explorar ouro e diamante em Roraima hoje é muito mais do que um sonho: é um desafio, é brincar com a morte. Esse é o lema do garimpeiro que está agora desbravando as serras de Roraima, preocupado em não morrer com uma bala disparada pelo índio, que abandonou seu arco e flecha para defender terras e riquezas do subsolo que, segundo a Igreja, lhe pertencem.

O garimpeiro tradicional, que penetra na floresta para realizar seu sonho dourado de encontrar um grande filão aurífero, não tem vez em Roraima. "O índio é um ser covarde. Ele não divide nada com ninguém, só quer ganhar. Ele não briga de frente, esconde-se na mata e ataca à traição", diz o garimpeiro Domingos Via-

na, 32 anos, há dez garimpendo "por esse mundo afora", ele terá de mudar seu estilo de trabalho, se quiser continuar sonhando.

Há dez anos trabalhando praticamente em todos os garimpos da Amazônia, na Colômbia e na Venezuela, Domingos Viana tem experiência de como lidar com os índios, embora não fale uma só palavra da língua deles. Viana foi um dos cabeças da invasão da serra do Trafra, na fronteira do Brasil com a Colômbia, no Amazonas, no começo do ano, onde habitam os índios tucanos. Ele não sabe dizer quantos índios morreram na invasão, mas tem certeza de que "e garimpeiro mesmo, morreram poucos". Viana culpa a empresa Paranapanema de ter incitado os tucanos a atacar seu acampamento na Trafra. "Os índios nos aceitaram bem, nos ajudavam a explorar o ouro

mas depois nos atacaram", conta ele. Viana também acusa a Igreja de São Gabriel da Cachoeira de incitar os índios contra os garimpeiros.

Sabendo que pode enfrentar os índios que possuem armas de fogo, Domingos Viana e mais dois amigos — Raimundo Nonato Oliveira e Evandro Dantas do Nascimento — dão a fórmula para quem quer ser garimpeiro e enfrentar a floresta: "Muita coragem, não ter família, ter muita sorte pelo menos para não morrer". Antes, o garimpeiro se preocupava apenas em encontrar ouro, levando um facão, alguns quilos de farinha e sal, uma espingarda para caçar e um radinho a pilha para ouvir as notícias da descoberta de novos garimpos. "Agora, temos que estar de olho aberto, porque precisamos salvar a nossa pele", diz Viana.